

International Affairs Network

Spotlight

novembro 2022



Desglobalização

Inês Domingos

Pedro Melo

Conteúdos

Conteúdos	1
Lista de figuras	2
i. Sumário Executivo/Summary	3
ii. A globalização nas últimas décadas	5
iii. Menos pobreza e baixa inflação: as vantagens da globalização	9
iv. A grande reversão: do multilateralismo ao regionalismo	11
Comércio e investimento intrarregionais intensificam-se	11
As instituições do regionalismo	14
v. A União Europeia, agente da globalização	16
vi. A dependência da União Europeia	20
vii. Estratégia para uma maior independência europeia	26
viii. Globalização em Portugal	28
Um pequeno país não muito aberto	28
<i>Near-shoring</i> em Portugal	29
Oportunidades e riscos para Portugal	32
Notas	35

Lista de figuras

Figura 1: Tendências Históricas da Globalização	5
Figura 2: Cadeias de valor das exportações mundiais	6
Figura 3: Comércio intracomunitário com tendência ascendente	7
Figura 4: Determinantes estruturais do comércio mundial desde 1970	7
Figura 5: Redução da disparidade de rendimentos na União Europeia entre 2005 e 2009	10
Figura 6: Exportações dos países avançados	12
Figura 7: Investimento direto no exterior intrarregional	12
Figura 8: Preços do transporte de contentores	14
Figura 9: União Europeia tem o maior número de acordos comerciais	15
Figura 10: O Comércio na Génese da União Europeia	17
Figura 11: Crescimento da Globalização na União Europeia	17
Figura 12: Abertura de mercado medida pelo Índice GVC	18
Figura 13: A União Europeia é a segunda região com maior comércio internacional de bens	19
Figura 14: Diversificação do Comércio Externo da União Europeia	20
Figura 15: Origem das importações da União Europeia	21
Figura 16: Importações Europeias de produtos críticos por origem 2020	23
Figura 17: Grau de autossuficiência alimentar	24
Figura 18: Dependência de bens alimentares ucranianos	25
Figura 19: Grau de abertura na UE - Exportações + Importações em % do PIB, 2019	28
Figura 20: Grau de abertura em Portugal e na União Europeia	29
Figura 21: a UE no comércio internacional português	30
Figura 22: Investimento Direto do Estrangeiro em Portugal	31
Figura 23: Portugal tem uma taxa elevado de licenciados em STEM	32
Figura 24: investimento direto chinês na europa 2000-2021, % do pib 2021	33
Figura 25: Investimento Direto de Portugal no Exterior	34

i. Sumário Executivo/Summary

A tendência macroeconómica global mais marcante entre o final da segunda guerra mundial e a crise financeira foi a aceleração das relações internacionais, em particular do comércio e do investimento externo. Os principais motores para esta tendência foram o desenvolvimento e alargamento da União Europeia e a integração da China nas cadeias de valor global e na Organização Mundial de Comércio, arrastando consigo os países do sudeste asiático.

No entanto, desde a crise financeira, esta tendência inverteu-se, tendo o comércio internacional vindo a perder peso na economia mundial. As relações inter-regionais têm vindo a ser substituídas por relações económicas intrarregionais. Em parte, este fenómeno decorre de uma desaceleração da economia chinesa. Mas, mais recentemente, é também reflexo de uma política mais protecionista, justificada em particular com segurança de abastecimento de certos bens essenciais que se revelaram mais escassos durante a pandemia e, agora, com a guerra da Rússia à Ucrânia.

A União Europeia, por sua vez, tem sido, desde a sua criação, um forte promotor da globalização. A par com o desenvolvimento do mercado interno, tem procurado, ao longo dos anos, fazer do comércio internacional uma bandeira de referência da sua economia.

Face aos constrangimentos nas cadeias de abastecimento colocando em causa a segurança nacional, a União Europeia tem agido com diversos planos de modo a reduzir a sua dependência de países externos, sobretudo em matéria de bens essenciais (como por exemplo, as áreas da energia, saúde e digital). Neste enquadramento, em que o regionalismo está a substituir a globalização, a União Europeia encontra-se bem posicionada para reforçar as transações intracomunitárias e ganhar poder negocial face a outras regiões. Contudo, a segurança nacional deve ser mantida através de um equilíbrio entre produção local e diversificação das cadeias económicas, evitando o risco de regresso a um protecionismo que vise meramente amparar os produtores nacionais. Isso seria um erro para o crescimento e até para a segurança nacional e europeia no longo prazo.

Portugal, por sua vez, é um dos países com menor grau de abertura na União Europeia. Recentemente, tem beneficiado da tendência “near-shoring” tendo, atualmente, uma forte exposição ao mercado Europeu. O regionalismo traz consigo oportunidades para Portugal devido a indicadores muito favoráveis no que diz respeito à segurança, qualidade de jovens formados e na produção de energia renovável. Contudo, os riscos não devem ser menosprezados nomeadamente aos que estão associados à exposição

económica, designadamente do investimento, do emprego e do comércio, a países fora da União Europeia com risco político elevado.

...

The most striking global macroeconomic trend between the end of the Second World War and the financial crisis was the acceleration of international relations, in particular trade and foreign investment. The main drivers for this trend were the development and enlargement of the European Union and the integration of China into global value chains and the World Trade Organization, bringing Southeast Asian countries with it.

However, since the financial crisis, this trend has been reversed, with international trade losing weight in the world economy. Inter-regional relations have been replaced by intra-regional economic relations. This phenomenon stems partly from the slowdown of China. But, more recently, it is also a reflection of a more protectionist policy in many regions of the world, justified partly by the security of supply of certain essential goods that proved to be scarcer during the pandemic and now due to Russia's war on Ukraine.

The European Union has been, since its creation, a strong promoter of globalization. Along with the development of the internal market, it has sought, over the years, to increase international trade and investment through trade and investment deals. However, in view of the constraints in supply chains jeopardizing national security, the European Union has also started to reduce its dependence on external countries, especially in terms of essential goods (such as energy, health and digital goods).

In this context, in which regionalism is replacing globalisation, the European Union is well positioned to strengthen intra-regional transactions and gain bargaining power vis-à-vis other regions. However, the EU must keep in mind that national security is better assured through a balance between local production and diversification of economic chains. Returning to protectionism, with the mere objective of supporting national producers, would be a mistake for growth and even long-term European security.

Portugal, in turn, is one of the countries with the lowest degree of openness in the European Union. Recently, it has benefited from the “near-shoring” trend and currently has a strong exposure to the European market. Regionalism brings with it opportunities for Portugal, particularly because of its personal safety and political stability indicators, the quality of young graduates and its renewable energy score. However, in this new environment, there are also risks related to its exposure in terms of investment, employment, and trade, to countries outside the European Union with higher political risk.

ii. A globalização nas últimas décadas

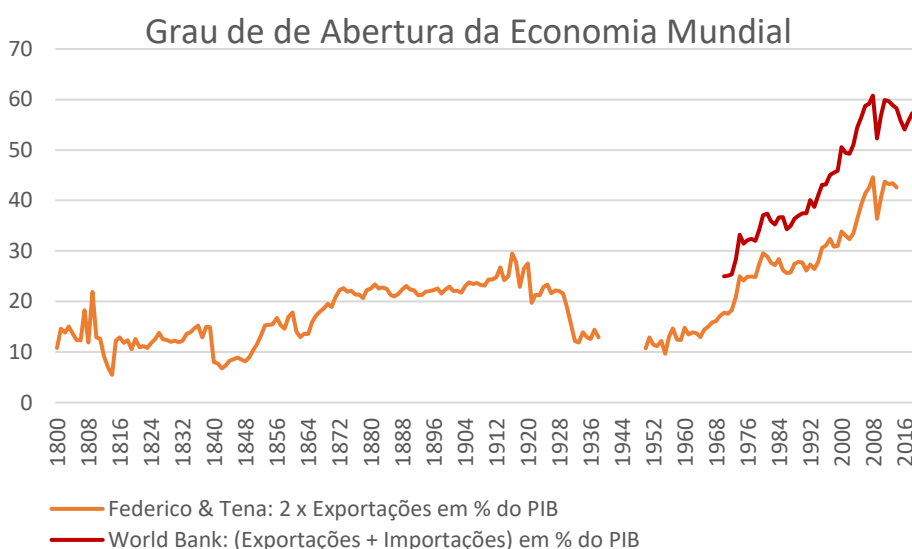
A globalização é um fenómeno de movimento de pessoas, de intercâmbio cultural, económico e financeiro, que se concretiza de maneiras muito diferentes. Pela sua vastidão, neste relatório focamos a nossa análise no prisma económico, essencialmente no comércio internacional e nos fluxos de investimento, que representam uma súpula de vários elementos da globalização. Áreas estas onde existem dados mais sistemáticos e facilmente comparáveis entre regiões.

A globalização foi o fenómeno económico mais marcante das últimas décadas.

Os dados disponíveis desde o século 19 mostram uma vaga de maior abertura que durou desde a segunda metade do século 19 até à primeira guerra mundial. Seguiu-se um período de arrefecimento do comércio mundial até aos anos cinquenta que se inverteu sobretudo a partir dos anos sessenta.

Desde então, qualquer que seja a fonte, os dados evidenciam uma aceleração muito rápida do grau de abertura a nível mundial, medido em geral pela soma das exportações e importações de bens e serviços em percentagem do PIB.

FIGURA 1: TENDÊNCIAS HISTÓRICAS DA GLOBALIZAÇÃO

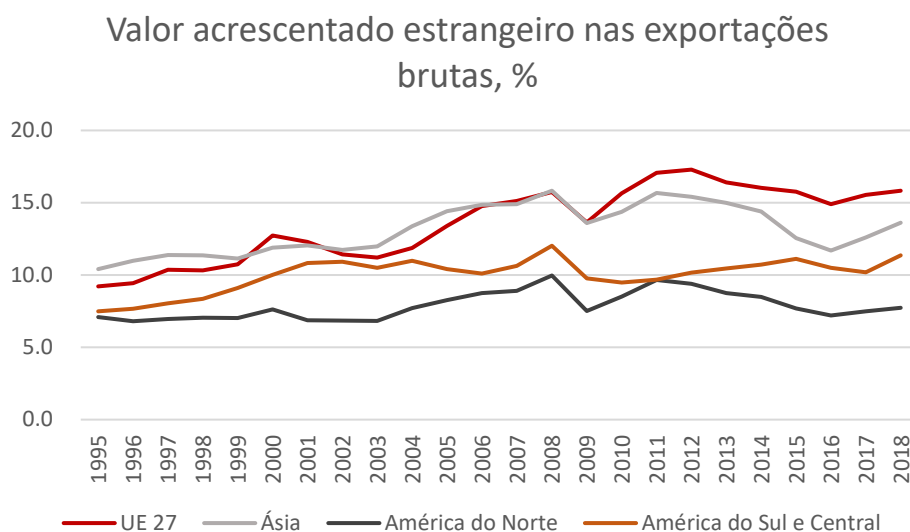


FONTE: WORLD BANK E FEDERICO, G., TENA JUNGUITO, A. (2016)¹

A crescente integração económica mede-se também na forma como as cadeias de valor se alteraram. Segundo dados da OCDE, uma parte crescente das exportações em várias regiões do mundo entre 1995 e

2018 dependiam de componentes e de contributos importados de outros países. A União Europeia liderava esse entrosamento das cadeias de produção global, seguido pela Ásia.

FIGURA 2: CADEIAS DE VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS

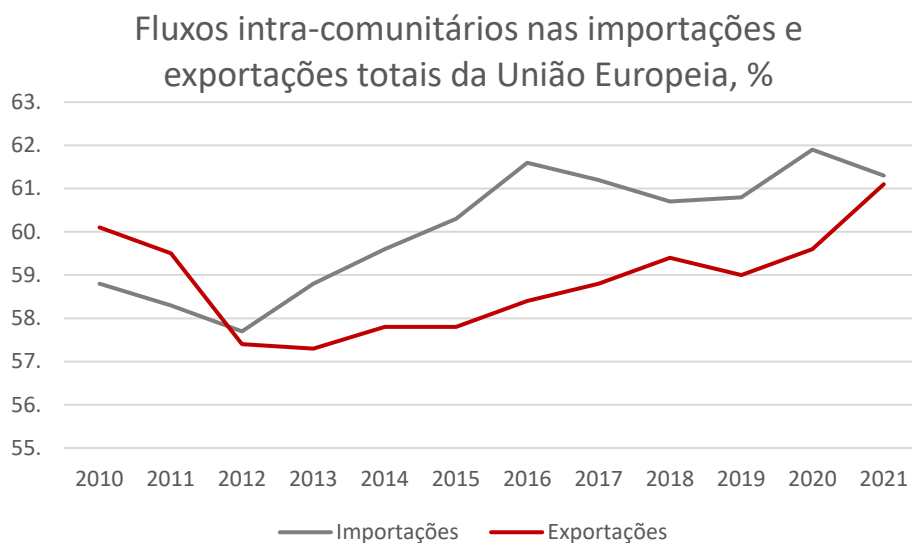


FONTE: OCDE, TRADE IN VALUE ADDED

Existem várias explicações para o longo período de crescimento da globalização, mas dois acontecimentos políticos tiveram impacto mais duradouro: **a criação da União Europeia e abertura económica da China.**

Em primeiro lugar a criação da União Europeia transformou de forma sustentada o panorama do comércio europeu. Desde o princípio do Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, o objetivo era integrar economicamente os dois setores dos diferentes Estados-Membros, de modo a fomentar a prosperidade e evitar a guerra. Mais tarde, o Tratado de Roma instituiu a Comunidade Económica Europeia, reforçando esse objetivo para a maioria dos setores económicos. Atualmente, a integração europeia centra-se, não só, no Mercado Único como na União Económica e Monetária e no Pacto Ecológico Europeu. Ao longo das décadas o compromisso dos Estados-membros em promover as liberdades de movimento de pessoas, bens, serviços e capitais foi reforçado com a implementação do mercado único em 1993. Desde então, as relações comerciais entre Estados-membros têm-se reforçado constantemente. Em 2021, na média dos Estados-Membros da União Europeia, o comércio intra-UE em percentagem do comércio internacional atingiu um valor máximo de 61,9%.

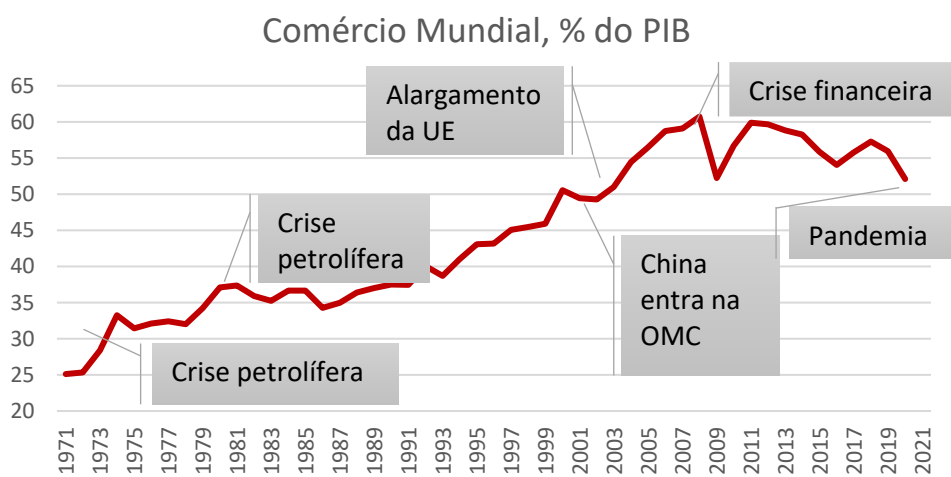
FIGURA 3: COMÉRCIO INTRACOMUNITÁRIO COM TENDÊNCIA ASCENDENTE



FORNTE: EUROSTAT

A União Europeia, não só, reforçou as relações entre os Estados-membros fundadores como contribuiu para o reforço do comércio europeu e global, ao integrar os países que se iam libertando de ditaduras – primeiro os países do sul da Europa e, no início deste milénio, os países da Europa de leste – e coordenar o comércio externo dos demais membros.

FIGURA 4: DETERMINANTES ESTRUTURAIS DO COMÉRCIO MUNDIAL DESDE 1970



FORNTE: BANCO MUNDIAL E IAN

A outra motivação para o longo período de intensificação da globalização foi a abertura gradual da economia chinesa ao mundo. Este período de reforma da economia começou em 1978 com o Presidente Deng Xiaoping, quando as autoridades chinesas iniciaram o processo de descoletivização da agricultura, passando pelo fim do controlo de preços em 1985 e culminando com a adesão à Organização Mundial do Comércio em 2001. Este período foi marcado por um crescimento económico chinês excepcional. Em 2020, a China era a segunda maior economia mundial, com um PIB de perto de 15 biliões de dólares.

Contudo, este longo período de crescimento teve algumas interrupções, nomeadamente devido às crises petrolíferas (1973 e 1979) e crise financeira, sendo que, **desde 2008, a tendência ascendente parou e reverteu**. O pico da taxa de abertura mundial foi 60,7% do PIB, atingido em 2008². Em outubro desse ano, a falência do banco *Lehman Brothers* conduziu a uma recessão global que reduziu drasticamente o comércio mundial cortando a taxa de abertura para 52.3% em 2009. Apesar do comércio mundial ter recuperado ligeiramente nos anos seguintes, a tendência decrescente prevaleceu e agravou-se nas últimas crises vividas (pandemia e guerra).

Este abrandamento e conseqüente retrocesso tem como **motivos efeitos conjunturais e estruturais**.

Estruturalmente, o efeito positivo devido à integração da China e dos países do leste europeu começou a abrandar à medida que as **economias atingiam patamares de desenvolvimento mais elevados e as taxas de crescimento diminuam**³.

Por outro lado, conjunturalmente, a globalização teve um **impacto negativo nos rendimentos das regiões menos competitivas dos países mais avançados, aumentando o descontentamento das populações e reforçando as mensagens dos líderes mais protecionistas**. O Brexit e a recente guerra comercial entre os Estados Unidos e a China foram, em parte, motivados por este fenómeno. Aliás, os Estados Unidos têm evidenciado, ao longo dos últimos anos, um maior fechamento da sua economia.

Para além destes fatores, a crise pandémica e a guerra afetaram os fluxos comerciais internacionais colocando em causa as cadeias de abastecimento e a conseqüente segurança nacional, com eventuais efeitos a longo prazo.

A rutura das cadeias de abastecimento fez levantar o problema da dependência em países terceiros. Neste contexto, o posicionamento chinês tem tido um papel de destaque visto o seu peso nas cadeias de produção mundial. Como veremos mais à frente para a realidade europeia, o controlo é inquestionável, não só, na produção de bens (29% dos bens manufaturados⁴) como na extração de matérias-primas (mais

de 60% das matérias-primas críticas são extraídas / produzidas na China⁵, sendo que em termos de saúde o bloco chinês controla 80% dos compostos ativos farmacêuticos do mundo⁶).

Ainda antes da pandemia, em março de 2019, a União Europeia qualificou a China como um parceiro de negociação, mas também como um rival sistémico, refletindo uma preocupação crescente com o modelo de crescimento baseado no capitalismo de Estado e a relação desigual entre as regiões, em que a China procurava entrar no mercado europeu mas sem grande abertura do seu próprio mercado. A posição da atual administração americana é ainda mais dura. O documento mais recente de segurança nacional identifica a China como o Estado com maior capacidade para alterar a ordem mundial em seu benefício. Por esse motivo as exportações, em particular as de material tecnológico como os semicondutores, passaram a ser controladas e limitadas.

Apesar da procura por diversificações de produção e desenvolvimentos internos, os impactos têm sido visíveis, sobretudo em torno da escassez de produtos e inflação. Nisto, a crise pandémica originou uma forte disrupção nas cadeias de abastecimento. Por sua vez, a guerra da Rússia, acentuou os problemas de logística, nomeadamente em termos de alimentação, e afetou de forma permanente o abastecimento de gás natural.

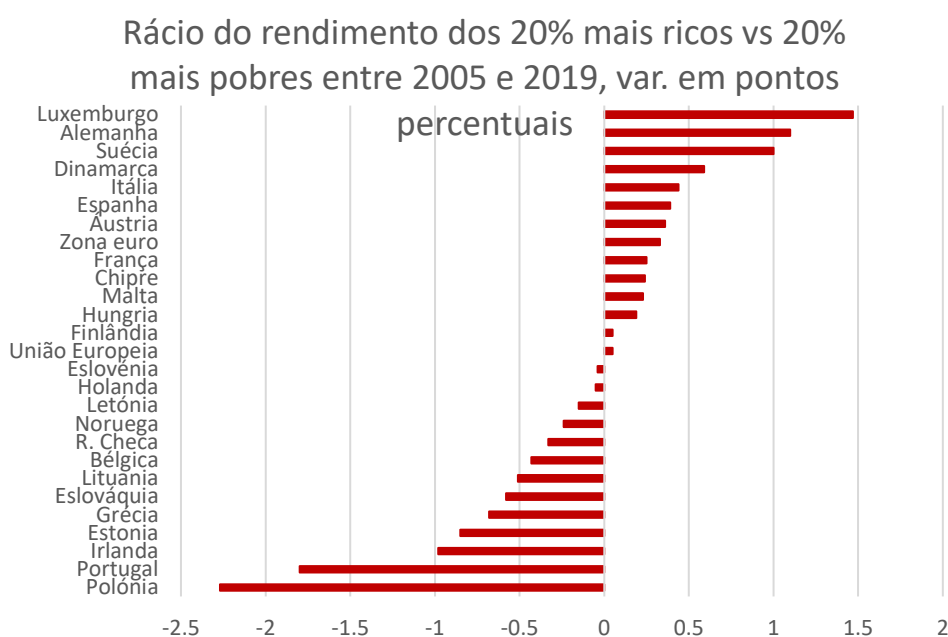
iii. Menos pobreza e baixa inflação: as vantagens da globalização

As preocupações de segurança face a Estados não democráticos devido às dificuldades de abastecimento de certos bens fundamentais (energia, cereais, saúde e bens tecnológicos) bem como os efeitos económicos (como por exemplo a inflação), não nos devem fazer esquecer alguns ganhos trazidos pela globalização.

A integração no comércio mundial de países em desenvolvimento teve como efeito principal a redução da pobreza mundial. A taxa de pobreza absoluta medida pela percentagem da população que vive com menos de 2,7 dólares por dia em paridade de poder de compra, desceu de 40% em 1984 para 8,4% em 2019, segundo dados do Banco Mundial. Apesar da distribuição dos “lucros” ter sido desigual, beneficiando mais os produtores maiores ou mais influentes (sobretudo em países com instituições mais fracas), os efeitos macroeconómicos do aumento das taxas de crescimento acabaram por beneficiar, em geral, as populações⁷.

Na Europa, a integração económica dos países de Leste no mercado único europeu teve um efeito indubitavelmente positivo. Mas é de notar que essa integração se fez num quadro de reformas que reforçaram as instituições democráticas e a governação económica nesses países, e que permitiu que a distribuição dos ganhos do comércio internacional fosse mais equitativa. Entre 2005 e 2019, houve uma redução da disparidade de rendimentos em sete países dos oito países de leste para os quais existem dados disponíveis, segundo o Eurostat.

FIGURA 5: REDUÇÃO DA DISPARIDADE DE RENDIMENTOS NA UNIÃO EUROPEIA ENTRE 2005 E 2009



FONTE: EUROSTAT

Outro efeito positivo da globalização foi contribuir para a redução da taxa de inflação nas últimas décadas. A inflação deixou de ser determinada exclusivamente por desenvolvimentos nacionais, tendo passado a ser fortemente influenciada pela abertura das economias ao exterior⁸.

Por um lado, a integração de mais regiões, tipicamente com rendimentos per capita e custos de produção inferiores, no comércio internacional aumenta a concorrência entre produtores e reduz os preços globais. Por outro lado, a globalização permite a emergência de empresas supranacionais de grande dimensão que se podem tornar dominantes no seu mercado e, por essa via, ganharem capacidade de fixação de preços.

Um estudo recente publicado no quadro da revisão estratégica da política monetária conduzida pelo BCE sugere que, embora a globalização não seja a principal explicação para a inflação persistentemente baixa

na zona euro até 2021, ainda assim tem efeito, especialmente porque as economias mais globalmente integradas se tornam menos sensíveis à conjuntura doméstica e porque a digitalização melhorou a transmissão de informação e reduziu os custos de logística⁹.

iv. A grande reversão: do multilateralismo ao regionalismo

Nos últimos anos, o entusiasmo com a globalização abrandou significativamente, mesmo entre os seus maiores defensores. As notícias surgem um pouco por todo lado, mas a face mais visível desta nova tendência, para além das sanções económicas à Rússia, diz respeito às relações entre o Ocidente e a China. Na Europa, a política comercial e de investimento da União Europeia inclui agora a revisão dos investimentos diretos estrangeiros na União Europeia, para avaliar se põe um risco económico ou de segurança.

Poderá ser prematuro anunciar o fim da globalização, mas os dados apontam para a estabilização do comércio internacional e uma tendência de regionalismo. Isto é, um reforço das relações comerciais e dos investimentos intrarregionais em detrimento de relações com países e regiões mais longínquos.

Comércio e investimento intrarregionais intensificam-se

Os dados do FMI sobre o comércio de bens são reveladores dessa tendência. Entre 1999 e 2012 registou-se uma queda abrupta na percentagem do comércio entre países avançados¹⁰ (e um correspondente aumento nas exportações dos países avançados para os países emergentes).

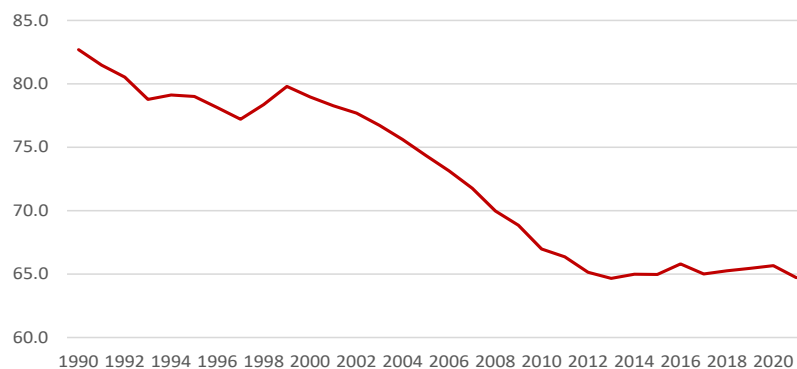
Essa tendência travou e **reverteu-se ligeiramente desde 2012, refletindo o reforço das relações comerciais entre regiões mais próximas** (por exemplo América do Norte ou Europa), e a estabilização das relações comerciais com a China, depois de um período de crescimento rápido no seguimento da sua adesão à Organização Mundial do Comércio.

No que diz respeito ao investimento direto estrangeiro, nota-se também um reforço das relações entre países da mesma região. Os dados do FMI mostram que entre 2009 e 2019, antes da pandemia, os fluxos de investimento direto estrangeiro intrarregionais já tinham subido na África Subsaariana, América do Norte e Central, América do Sul, Médio Oriente (excluindo Golfo Pérsico), Ásia Central e do Sul e Oceânia. A tendência acentuou-se ainda mais durante a pandemia na Europa, América, e na Ásia. Em 2020, mais de

dois terços do investimento direto estrangeiro dos países europeus era em outros países europeus. Na América Central e do Norte, o IDE intrarregional representava 53% do IDE total.

FIGURA 6: EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES AVANÇADOS

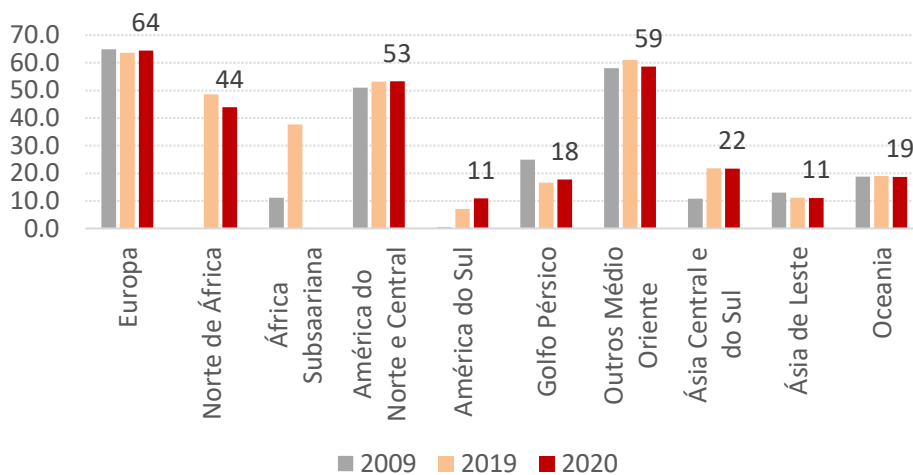
Exportações para os países avançados, % do total das exportações dos países avançados



FORNTE: FMI, DIRECTION OF TRADE STATISTICS

FIGURA 7: INVESTIMENTO DIRETO NO EXTERIOR INTRARREGIONAL

IDE intraregional, % do total de cada região



FORNTE: FMI, COORDINATED DIRECT INVESTMENT SURVEY, CÁLCULOS IAN

Nota: sem dados para América do Sul em 2009 e África Subsaariana em 2020

Outros exemplos de regionalismo são os recentes programas de produção de bens essenciais, como por exemplo os semicondutores, que os Estados Unidos e a União Europeia têm apostado, por motivações políticas e de segurança de abastecimento.

O Regulamento Europeu sobre circuitos integrados quer duplicar a quota-parte da União Europeia na produção de semicondutores de 10% para 20%, com investimentos públicos e privados num valor que poderá atingir 86 mil milhões de euros até 2030. Nos Estados Unidos, a estratégia de produção de semicondutores e de desenvolvimento tecnológico passa, não só por incentivar o investimento privado em semicondutores, que, segundo a Casa Branca, terá atingido os 150 mil milhões de dólares sob o presidente Biden, mas também impedir ativamente o desenvolvimento de supercondutores avançados pela China. Assim, em outubro, a Administração americana anunciou controles à exportação de semicondutores e vários outros componentes e proibiu cidadãos americanos de trabalhar em empresas tecnológicas chinesas¹¹. O caso dos semicondutores e da tecnologia é sintomático da preocupação crescente da política comercial e a segurança nacional. Tal efeito deverá estender-se de uma forma mais ou menos intensa, a vários setores, nomeadamente essenciais. **Os Estados têm de garantir a segurança nacional mas evitar a todo o custo o regresso ao protecionismo, sendo que o único objetivo é de defender os produtores e apoiar o emprego.**

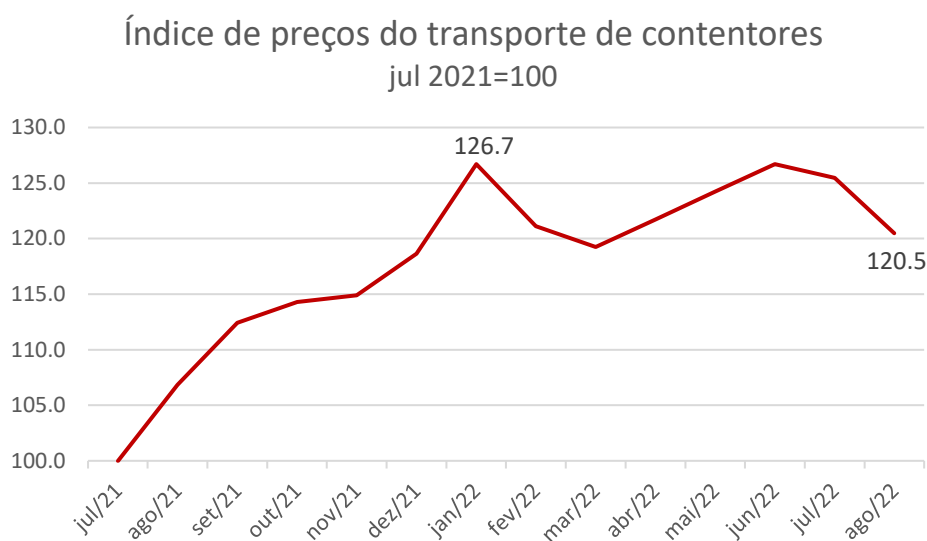
Assim, **a estratégia passa por cooperar com países que, segundo a Comissão Europeia, “partilham as mesmas ideias”¹²**. Estratégia semelhante à que foi defendida recentemente pela vice-Primeira Ministra do Canada, Chrystia Freeland, num discurso na Brookings Institution¹³, onde defendeu a ideia de “friend-shoring”. Isto é, o reforço dos investimentos entre países amigos, ou seja, próximos do ponto de vista dos valores democráticos mas também das exigências ambientais e sociais.

Mesmo entre países avançados e democráticos as dificuldades têm aumentado. As relações entre EUA e Europa, têm sido marcadas por alguma tensão. Apesar do progresso na cooperação na área tecnológica através do *EU – US Trade and Technology Council*, para tentar reforçar o domínio ocidental face a outras regiões, especialmente a China, a política americana tem sido diferenciada nos vários setores. Evidencie-se a política do presidente Biden de incentivo a compras nacionais no setor automóvel enquadradas no seu pacote anti-inflação. Este posicionamento tem gerado muitas críticas na Europa, e poderá mesmo ser levado pela Comissão Europeia à Organização Mundial do Comércio.

Esta tendência deverá intensificar-se nos próximos meses e anos, não só por motivações geopolíticas e de segurança, mas também devido aos custos de transporte e riscos económicos acrescidos causados pelo aumento generalizado dos fretes marítimos (note-se que o comércio via mar representa mais de 80% das

trocas comerciais). O índice de preços de transporte de contentores encontrava-se, em agosto, em níveis 20% superior aos de julho de 2021. Embora tenha descido do pico de janeiro, é improvável que os preços dos transportes voltem rapidamente aos níveis anteriores devido à crise energética (que começou antes da guerra quando a Rússia começou a cortar o fornecimento de energia). Na mesma linha, a decisão recente da OPEP de cortar a produção para manter os preços elevados deverá continuar a pressionar os preços de transportes.

FIGURA 8: PREÇOS DO TRANSPORTE DE CONTENTORES



FONTE: CONTAINER TRADE STATISTICS

Neste enquadramento, a conjugação de custos de transporte e logística complicada com riscos políticos e económicos elevados, deverá fortalecer a tendência de “near-shoring” (relações intrarregionais) e “friend-shoring” (relações com países que partilham valores semelhantes).

As instituições do regionalismo

Se a globalização foi apoiada em instituições que nasceram depois da segunda guerra mundial, como o Banco Mundial, o FMI, a GATT (atualmente Organização Mundial de Comércio), e Nações Unidas, o reforço das relações comerciais e de investimento intrarregionais têm sido apoiados sobretudo por acordos de comércio e de investimento.

Segundo a Organização Mundial de Comércio existem atualmente sessenta acordos de comércio e/ou investimento multilaterais e muitos mais acordos bilaterais. Alguns exemplos mais conhecidos são a

USMCA (que substituiu em 2020 a NAFTA) na América e a ASEAN na Ásia do Sul. Outras organizações como a União Africana, têm um âmbito mais vasto do que as relações comerciais.

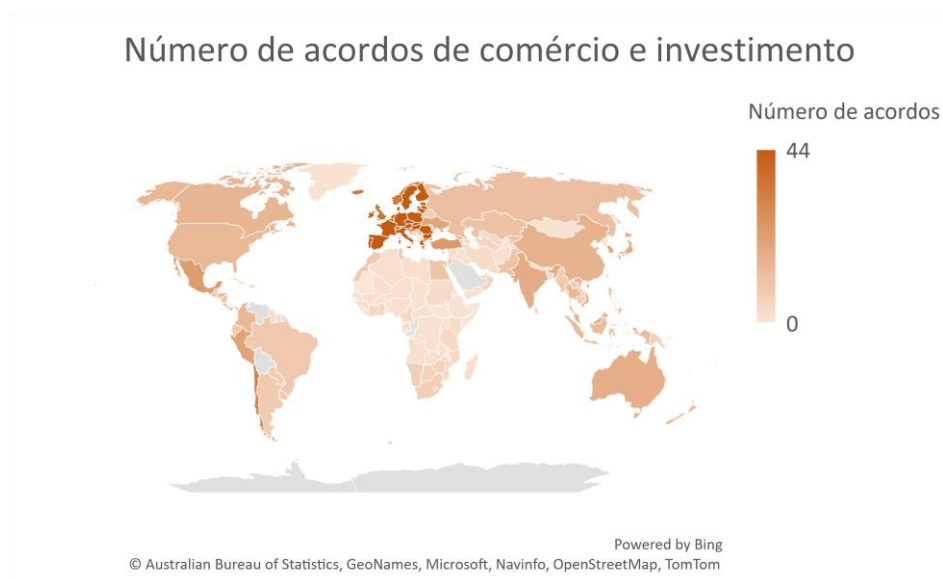
Note-se, contudo, que **a região que melhor está preparada para os desafios do regionalismo é sem dúvida a Europa, com todas as instituições que integram a União Europeia.**

A União Europeia participa no comércio e investimento internacional de duas maneiras distintas. A primeira, o mercado único europeu que eliminou as barreiras ao movimento de pessoas, bens e serviços e capitais, tratando as transações entre Estados-membros da mesma maneira que as transações nacionais. Esta política é a concretização da visão dos fundadores da UE, que acreditavam, inspirados na visão mais cosmopolítica da Paz Perpétua de Kant¹⁴, nas ligações comerciais entre Estados-membros como o principal fator de preservação da paz no continente.

A segunda, que resulta da competência exclusiva da Comissão Europeia face aos Estados-membros na Política Comercial, tratando da negociação de acordos comerciais e de investimento com países terceiros.

Neste âmbito, a União Europeia tem 44 acordos assinados, segundo os dados da organização Mundial de Comércio, dos quais 14 são com vizinhos próximos e países candidatos à UE, colocando-se no primeiro lugar das regiões com maior número de acordos. Os Estados Unidos, e o Canadá, com uma dimensão semelhante, participam apenas em 14 acordos de comércio e investimento cada um.

FIGURA 9: UNIÃO EUROPEIA TEM O MAIOR NÚMERO DE ACORDOS COMERCIAIS



FONTE: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO

No futuro mais próximo, com o isolamento da Rússia, as tensões crescentes com a China e até as relações por vezes complicadas com os Estados Unidos, uma parte relevante do reforço das relações comerciais da União Europeia passa por preservar e intensificar a influência nos seus vizinhos, incluindo através da política de alargamento.

v. A União Europeia e a globalização

Apesar da recente tendência de regionalismo, a **União Europeia tem sido, desde a sua criação um dos grandes motores da globalização**. A par com o desenvolvimento do mercado interno, tem procurado, ao longo dos anos, fazer do comércio internacional uma bandeira de referência da sua economia.

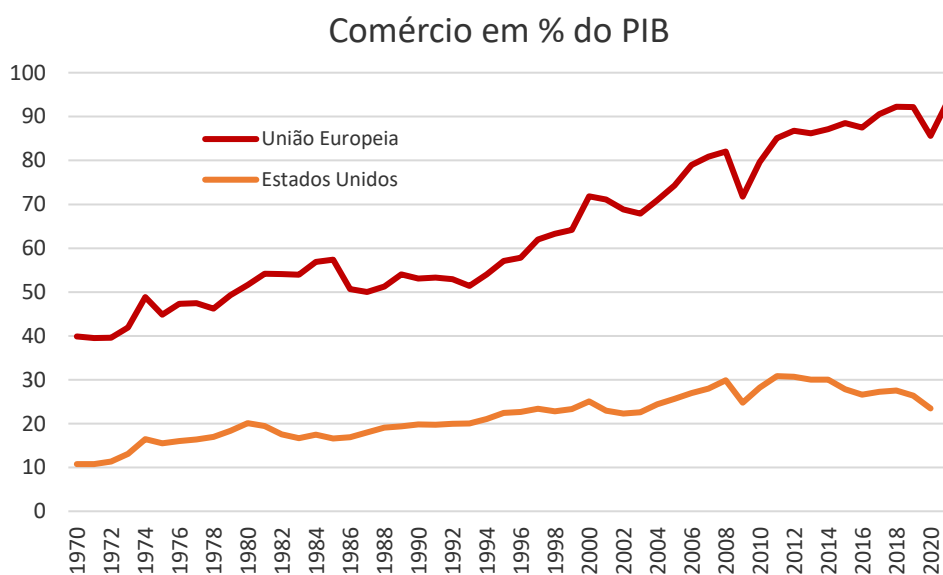
Como referido, o comércio tem sido, desde a sua génese, um dos pilares da construção europeia, abrindo, num primeiro momento, as fronteiras entre os Estados-membro e, mais tarde, englobando a política de comércio (inclusive externo) nas competências exclusivas do órgão de gestão da UE. Compete, então, à Comissão Europeia a coordenação da política de comércio e de investimento dos Estados-membro.

Constata-se que as intenções saíram rapidamente do papel, transformando-se em ações concretas. Financeiramente, as tarifas aplicadas pela UE são uma referência para o comércio mundial, sendo que mais de 70% das importações entram a custo zero ou com tarifas reduzidas¹⁵.

As ações fizeram-se rapidamente refletir e atualmente, em termos comparativos, a UE é o bloco económico que mais comercializa no mundo, em percentagem do produto interno bruto. Verdade esta para, não só, comércio total (interno e externo) como, também, em particular para o comércio fora do espaço europeu.

O comércio como um todo (considerando as exportações e importações feitas no mercado interno e externo) representou, em 2020, mais de 93% do PIB europeu, 70 pontos percentuais acima dos Estados Unidos.

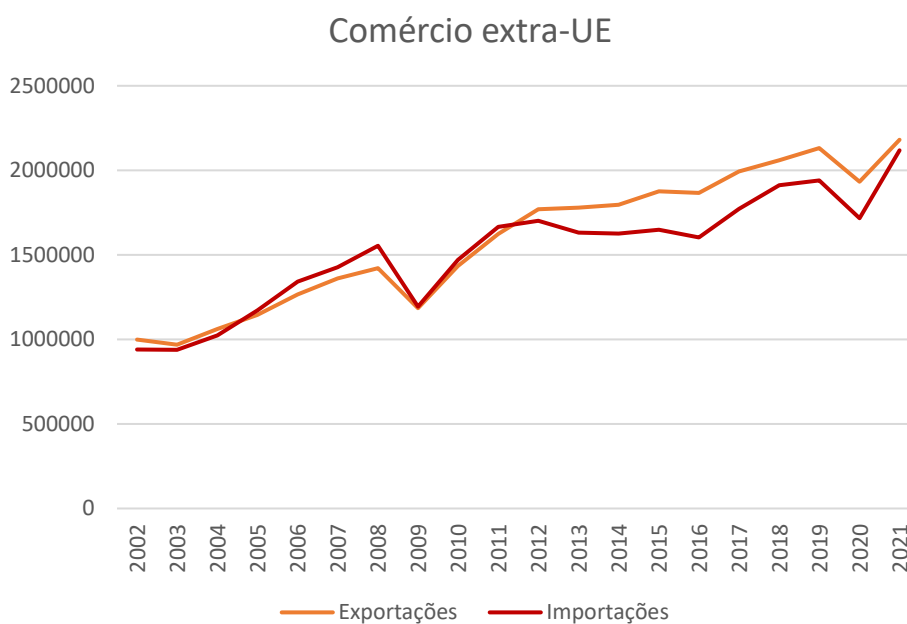
FIGURA 10: O COMÉRCIO NA GÊNESE DA UNIÃO EUROPEIA



FORNE: BANCO MUNDIAL

Importante, também, realçar que, face à crise pandémica e, agora, com a guerra Rússia-Ucrânia, o espaço europeu não reagiu ao fechar as demais fronteiras ao contrário de outras economias. Evidencie-se o crescimento do comércio ao longo dos últimos anos, inclusive a recuperação de 2020 para 2021.

FIGURA 11: CRESCIMENTO DA GLOBALIZAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA

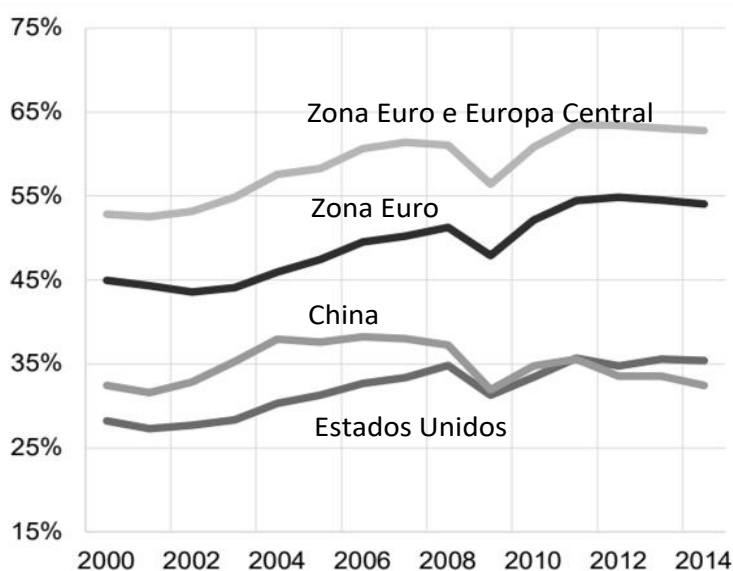


FORNE: EUROSTAT

Contudo, é importante notar que, apesar da sua preponderância, o comércio internacional extra-UE de bens representou, em 2021, cerca de 40% de todo o comércio da UE¹⁶, o que nos mostra bem o peso do desenvolvimento do mercado interno. Note-se que o único Estado-membro onde o comércio externo supera o interno é a Irlanda.

Paralelamente, no que diz respeito à cadeia de valor mundial, a UE evidencia-se pelo seu posicionamento na economia mundial enquanto destacado promotor da globalização. O índice GVC (Global Value Chain), que mede o grau de conexão de uma economia às cadeias de fornecimento para a sua produção e comércio externo, coloca a UE como o bloco mais aberto, quando comparado com os Estados Unidos e China.

FIGURA 12: ABERTURA DE MERCADO MEDIDA PELO ÍNDICE GVC



FONTE: BANCO CENTRAL EUROPEU (2019)¹⁷

O índice é construído como a percentagem do valor acrescentado estrangeiro nas exportações totais de cada região. Como visto anteriormente, a União Europeia aparece com uma posição de destaque, especialmente devido à incorporação nas exportações dos Estados-Membros de bens e serviços de outros Estados-membros.

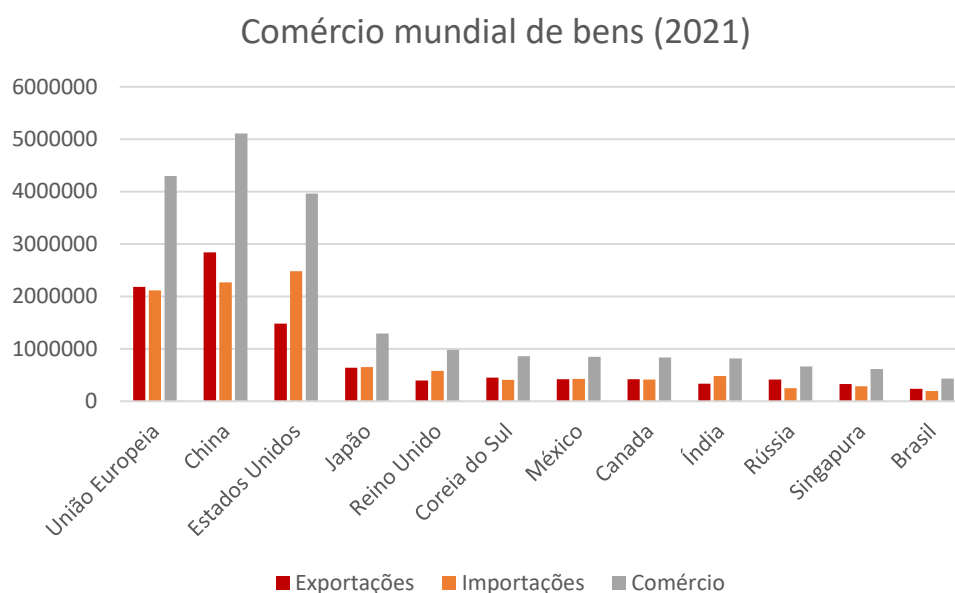
Em termos nominais, a União Europeia também se destaca, tendo comercializado, em 2021, 4229 mil milhões de euros (excluindo o mercado interno), posicionando-a como o segundo bloco no comércio

mundial. Acima encontra-se a China com mais 813 mil milhões de euros e logo de seguida os Estados Unidos com menos 337 mil milhões de euros.

Descortinando, a UE é o segundo bloco mais exportador de bens (representando 15% das exportações mundiais) e o terceiro em termos de importações (representando 14% das importações mundiais). A China ocupa o lugar cimeiro das exportações com 19% sendo que os Estados Unidos detêm 10%. Por sua vez, os Estados Unidos são o bloco mais importador com 16% das importações ao nível internacional e a China em segundo lugar figurando 15%.

Note-se que estes três conjuntos têm, nos últimos anos, sido os três maiores agentes no que diz respeito ao comércio internacional.

FIGURA 13: A UNIÃO EUROPEIA É A SEGUNDA REGIÃO COM MAIOR COMÉRCIO INTERNACIONAL DE BENS



FONTE: EUROSTAT

De facto, a UE tem sido, não só, uma referência para a globalização como um mobilizador para o comércio mundial. Como já visto anteriormente, torna-se claro que a agenda orientada no sentido da globalização teve impactos positivos para a economia europeia.

Desde a sua criação que é inequívoco que a economia prosperou. Considerando que o Banco Mundial estima que 1% de aumento na participação na cadeia de valor mundial está associada a um aumento de

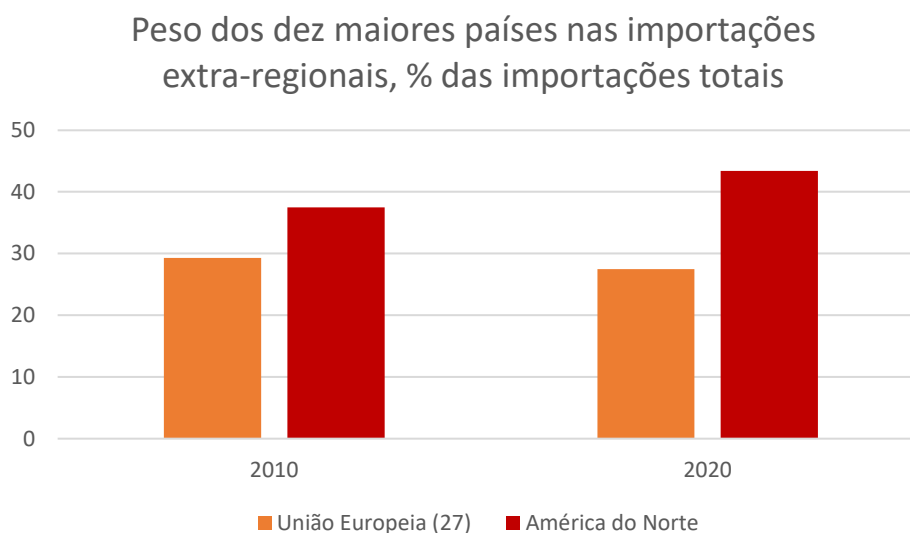
mais de 1% no rendimento per capita, no longo prazo¹⁸, é perceptível o impacto da abertura das demais economias.

Outro dos impactos estimado reside na amortização de choques económicos domésticos pois dá-se lugar a uma diversificação de riscos e exploração de múltiplas fontes de procura externa¹⁹.

vi. A dependência da União Europeia

A política comercial ativa da União Europeia permitiu **diversificar a sua dependência externa na última década**, quando comparado com o grau de dependência da América do Norte. Com efeito, o peso dos dez maiores países nas importações da União Europeia desceu de 29.3% em 2010 para 27.5% em 2020, quando na América do Norte o mesmo rácio aumentou de 37,5% para 43.4%.

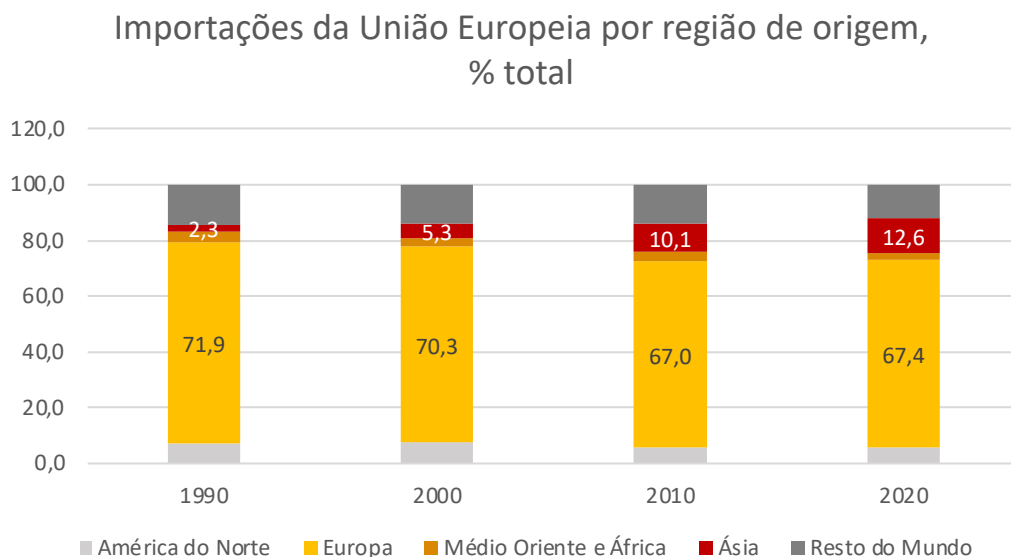
FIGURA 14: DIVERSIFICAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO DA UNIÃO EUROPEIA



FONTE: COMISSÃO EUROPEIA, COMMISSION STAFF WORKING DOCUMENT “STRATEGIC DEPENDENCIES AND CAPACITIES” (2021); CEPII, BACI DATABASE

Em termos temporais, é notória a tendência de abertura ao resto do mundo, nomeadamente ao mercado asiático, desde os anos 90 até à crise pandémica. Porém, desde a crise financeira, o arrefecimento da globalização tem feito notar-se a par com o aparecimento do regionalismo. Note-se que o peso das importações entre países Europeus caíram até 2010, sendo que desde então aumentaram ligeiramente.

FIGURA 15: ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES DA UNIÃO EUROPEIA



FONTE: CEPII, CHELEM

Como pudemos assistir ao longo dos últimos anos, a diversificação é benéfica economicamente. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que uma grande diversificação nas cadeias de comércio reduz até metade o impacto negativo de um choque no PIB ²⁰. De facto, economias com cadeias de abastecimento diversificadas geograficamente ajudaram a mitigar o efeito do choque da pandemia ²¹.

Ainda assim, apesar da diversificação, o **comércio internacional não é isento de riscos**, como ficou patente nestas duas últimas crises, a pandemia Covid-19 e a guerra Rússia-Ucrânia. Em particular, o maior sintoma foi a **dificuldade de acesso a bens essenciais** como cereais, bens energéticos, medicamentos e matérias-primas colocando em causa a segurança nacional, fruto de uma forte dependência em matérias críticas.

Nos últimos anos a Europa viu-se dependente de vários bens fundamentais. A título exemplificativo:

- Na área da saúde: a produção de medicamentos, utensílios de proteção e meios complementares (como por exemplo, ventiladores) e de diagnóstico (como por exemplo, material para testes e análises).
- Na área da energia: o gás e o petróleo, sobretudo no centro da Europa, com consequências para a indústria e para as famílias.
- Na área do digital: a fabricação de equipamento eletrónico, de semicondutores e manutenção das redes partilhadas (como por exemplo, as *clouds*).

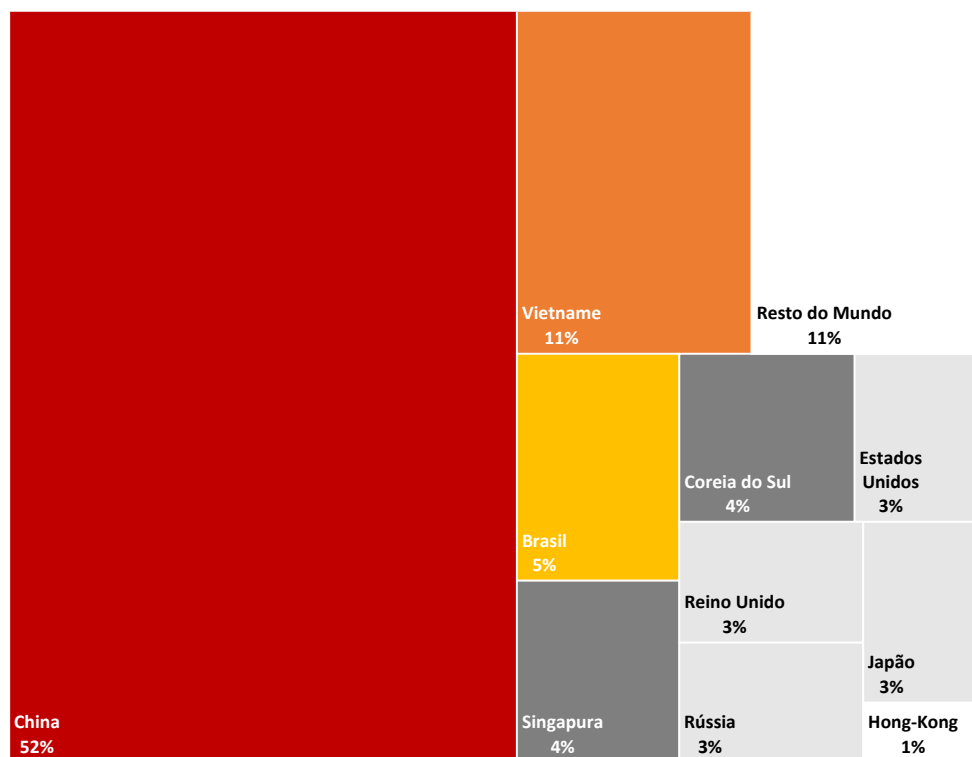
A pandemia evidenciou problemas sérios de abastecimento sobretudo ligado a produtos essenciais a passo que também revelou as fragilidades da logística mundial. Em 2020, observa-se uma quebra do comércio mundial, não só, pelo fecho das fronteiras como, também, por problemas de transporte marítimo (representando mais de 80% do transporte mundial²²).

Problemas estes que originaram, posteriormente, graves impactos para os países e economias, desde a falta de oferta de bens essenciais como a sua conseqüente inflação. Em termos práticos, estimam-se que as dificuldades de entrega contribuíram para metade do crescimento dos preços de produção na área do Euro²³. Por sua vez, evidenciam-se, também, a importância dos aumentos dos custos de transporte. O FMI, ao analisar dados de 143 países, constatou que estes são um importante veículo de inflação a nível mundial, sendo que quando os fretes marítimos duplicam, a inflação aumenta em 0,7%²⁴.

A guerra da Rússia à Ucrânia veio, por sua vez, intensificar os efeitos sentidos ao acentuar a dependência, nomeadamente em três áreas fundamentais – energia, bens alimentares e matérias-primas.

Face aos constrangimentos e de modo a quantificar a dependência de países terceiros, a Comissão Europeia elaborou, em 2020, um conjunto de estudos que visam o esclarecimento da situação de dependência da União Europeia e conseqüente ação possível, de modo a garantir a segurança nacional. Para tal, definiu um cabaz de 137 produtos essenciais com especial enfoque nas áreas de matérias-primas, saúde (fabricação de medicamentos e de material médico (como por exemplo, luvas e máscaras), energia e digital. **Importante realçar que mais de metade dessas importações críticas provêm da China** (52% das importações estratégicas da UE). Note-se que a dependência da China se torna ainda mais acentuada quando analisados o potencial de diversificação. Em números, 62% dos produtos nos quais o mundo Ocidental (UE e EUA) depende da China tem, neste momento, um potencial muito reduzido de diversificação²⁵. De seguida, 11% das exportações estratégicas têm origem no Vietname, 5% no Brasil, 4% respetivamente em Singapura e na Coreia do Sul, 3% respetivamente no Reino Unido, nos Estados Unidos, no Japão e na Rússia, e 1% em Hong Kong.

FIGURA 16: IMPORTAÇÕES EUROPEIAS DE PRODUTOS CRÍTICOS POR ORIGEM 2020



FONTE: COMISSÃO EUROPEIA, COMMISSION STAFF WORKING DOCUMENT “STRATEGIC DEPENDENCIES AND CAPACITIES” (2021)

Sublinhe-se que desde então, a dependência da Rússia diminuiu drasticamente devido às sanções económicas, mas com custos em termos de abastecimento e de preços de energia e a relação política e económica com a China também se tornou mais difícil. Por outro lado, para países como Vietname, Singapura, Brasil, Coreia do Sul, Reino Unido, Japão nos quais a Europa também depende de forma significativa, as relações comerciais deverão manter-se resilientes.

As dependências elencadas são diversas. Neste relatório abordam-se quatro áreas fundamentais para o funcionamento da economia moderna e, recentemente, sobre holofotes: matérias-primas, alimentação, digital/eletrónica e energia.

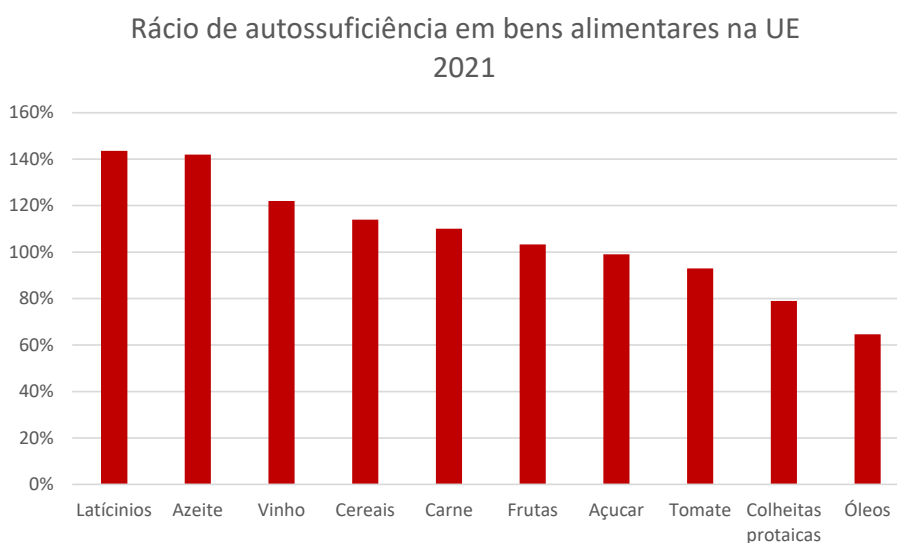
Neste enquadramento, um dos eixos de preocupação da União Europeia é o acesso a matéria-prima que coloca em risco a produção de vários bens essenciais, como por exemplo setores da saúde, agricultura, digital /eletrónica, automóvel, têxtil, defesa e energia renovável.

A situação de dependência de matéria-prima, nomeadamente a considerada essencial, é inequivocamente muito alta. De facto, numa lista de 30 elementos críticos apenas 6 são extraídos / produzidos pelos Estados-membros. A UE depende fortemente de países com maior instabilidade política e

económica como República Democrática do Congo, Guiné, Cazaquistão e Rússia e de outras nações como a China, Brasil e África do Sul, com laços mais estreitos. Relembre-se que a China controla mais de 60% da produção de matéria-prima críticas no mundo, da qual a UE depende fortemente (exemplo: metais raros, magnésio e bismuto²⁶) e 80% dos compostos ativos farmacêuticos do mundo, com destaque para penicilina e levodopa, produzidos na sua totalidade em território chinês²⁷.

Por sua vez, **no que diz respeito aos bens alimentares, a Europa tem um nível confortável de autossuficiência.**

FIGURA 17: GRAU DE AUTOSSUFICIÊNCIA ALIMENTAR



FONTE: EUROSTAT

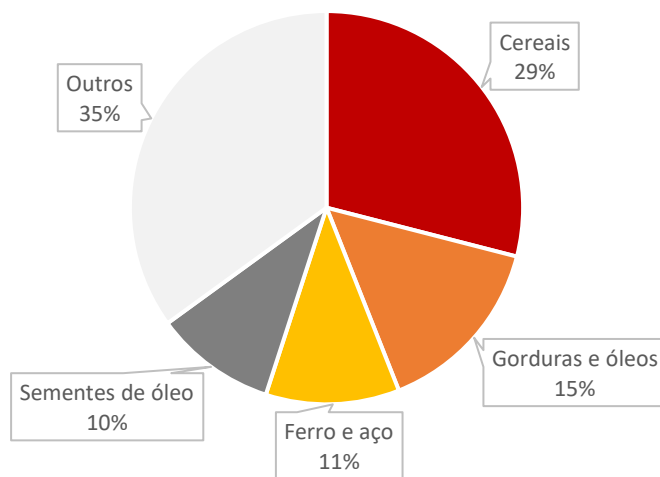
No entanto, apesar de suficiência na grande maioria dos sectores agroalimentares, existe alguma dependência, sobretudo nos cereais. A Ucrânia tem um papel importante para o contexto alimentar mundial e, por conseguinte, para o espaço europeu. Esta região, per se, é o maior exportador de girassol do mundo e um dos maiores em termos de sementes. No caso da União Europeia, a Ucrânia é o quarto maior fornecedor externo, representando 30% das importações de cereais (especial atenção para a importância do milho - 52%²⁸) e um quarto para as gorduras e óleos animais e vegetais.

Adicionalmente, a União Europeia evidencia, também, uma **alta dependência dos países asiáticos em termos digitais/eletrónicos**, nomeadamente da China, Coreia do Sul e Taiwan para a produção do equipamento, inclusive a fabricação de semicondutores (sem os quais os dispositivos não operam). Por exemplo, somente Taiwan e Coreia do Sul representam 75% da produção dos chips semicondutores²⁹. Interessante notar que, apesar da sua assemblagem poder ser diversificada no mundo (como visto

anteriormente no plano apresentado pelos EUA e UE), a alta dependência da China persiste tendo em conta a matéria-prima necessária - Gálio e Silício (80% e 66% respetivamente).

FIGURA 18: DEPENDÊNCIA DE BENS ALIMENTARES UCRANIANOS

Peso das Importações Europeias da Ucrânia em % das Importações Extra-UE



FONTE: EUROSTAT

Por outro lado, as soluções “cloud” também apresentam lacunas ao nível regional, se bem que **parcialmente ultrapassadas pelo “friend-shoring”**. Quer isto dizer, o maior fornecedor europeu (Deutsche Telekom) representa apenas 1% das receitas ao nível europeu. A maioria da oferta é de origem americana³⁰.

De se notar que 41% das empresas europeias em 2021, baseavam-se nestas soluções, o que evidencia bem a necessidade de manutenção dos demais serviços. Quebras ou interrupções levam a bloqueios na economia o que, por sua vez, tem impacto na produção de bens. Importante de notar que os setores da tecnologia como a inteligência artificial e blockchain estão altamente dependentes de dados e, por sua vez, interligados aos depósitos físicos de informação, chamados *clouds*, sem os quais a sua operação deixa de ter efeito.

Por fim, em relação ao setor energético a **UE diminuiu, ao longo dos últimos anos, a sua independência, mas representando ainda perto de 65% em 2020**, o que permite alguma folga.

O problema foca-se sobretudo em torno da forte dependência da UE perante a Rússia em termos de petróleo e gás. Em 2020, representava aproximadamente 47% das importações de combustível com enorme destaque face ao segundo maior exportador (EUA) que representava 18%. Em 2020, a dependência de gás da EU face à Rússia fixava-se nos 40%³¹.

Atualmente, ciente dos riscos de dependência colocando em risco a segurança nacional (nomeadamente em termos de gás e petróleo) e consciente para a sustentabilidade do planeta, a União Europeia está convicta no arranjo de formas alternativas, sobretudo à energia fóssil (como, neste momento, o petróleo e gás). Primeiramente, garantiu o abastecimento de gás compensando os fluxos vindos da Rússia em parte por importações de outras regiões. Note-se que em outubro 2022 o gás armazenado na Europa atingiu os 92%³². Porém, o renovável tem vindo a ser uma prioridade para a Europa e o nuclear permanece uma alternativa (a União Europeia apresenta-se como o 2º maior bloco em termos de produção de energia nuclear, logo a seguir à América do Norte – sendo França, o 3º maior produtor a nível mundial logo a seguir aos EUA e China³³).

As políticas já evidenciam tendências positivas, notando-se a produção de energia fóssil decrescente e a renovável crescente, sendo atualmente a energia mais produzida. Em 2020, segundo dados do Eurostat, as energias de fontes renováveis representaram cerca de 41% e a de origem nuclear 31%. As energias fósseis apresentaram-se logo de seguida com 15% e, por fim o gás com 7%.

vii. Estratégia para uma maior independência europeia

No rescaldo do Conselho Europeu realizado em outubro 2022, a Presidente da Comissão Europeia, Ursula von Der Leyen, alertou: “Aprendemos a lição, com o excesso de dependência dos combustíveis fósseis (com a Rússia), e há o risco de dependência nas tecnologias, nas matérias-primas e temos de reforçar as nossas capacidades e diversificar as nossas cadeias com fornecedores de confiança”.

A estratégia para uma maior independência tem passado por três eixos:

Diversificação das importações: É certo que os esforços se têm concentrado nas importações de energia devido às sanções que impuseram à Rússia. No entanto, a estratégia de diversificação, não sendo possível para todos os bens, por exemplo metais raros, deverá ser alargada a outros setores, designadamente industrial e digital.

Em qualquer dos casos, a União Europeia tem de estabelecer o equilíbrio necessário entre a eficiência oriunda da globalização, através da diversificação das cadeias de fornecimento, e a segurança nacional, que pode ser obtida, não só, através de produção própria como em regime de *near-shoring* e *friend-shoring*, ou influência na cadeia de produção (agindo como “moeda de troca”), elevando os valores sustentáveis.

Políticas setoriais: Em busca da sua independência e com os olhos na sustentabilidade, o terceiro pilar do modelo económico europeu³⁴, a União Europeia tem fomentado políticas setoriais para reforçar a produção de vários bens dentro das fronteiras do mercado único. A realocação de algumas indústrias, a produção de energia renovável, a produção local agrícola são alguns dos pontos que visam manter a soberania do espaço europeu promovendo políticas sustentáveis.

Neste sentido, a Comissão Europeia tem vindo adotar várias estratégias, em particular:

- Estratégia Industrial - foco para a diminuição da dependência chinesa.
- REPowerEU - plano de 300 mil milhões de euros para reduzir a dependência energética.
- Estratégia para a segurança alimentar de modo a promover a produção local e proteger os produtores e consumidores da UE (500 milhões de euros).
- Transição verde para promoção de conjugação de vários recursos sustentáveis - contando já com 40% dos fundos alocados ao NGEU (750 mil milhões de euros), ou seja, 300 mil milhões de euros.
- Estratégia Digital
 - Chips Act - com o objetivo de fortalecer o seu posicionamento em termos de fabricação de semicondutores.
 - *Marketplace* europeu para serviços *cloud*.

Mecanismos de alargamento da influência: À cabeça, a política de alargamento que passa pelo apoio financeiro e o alinhamento regulatório antes da candidatura formal. O processo tem sido demorado, mas permite ainda assim um reforço da cooperação entre a União e os países que desejam ser candidatos e membros.

Foi, também, criado um fórum de cooperação entre Estados Europeus, a Comunidade Política Europeia, depois de uma proposta inicial do Presidente Macron. O âmbito da CPE é muito vasto, sendo que o seu sítio oficial indica ser uma plataforma para discussões estratégias sobre o futuro do espaço europeu.

A CPE reuniu pela primeira vez em outubro e teve alguns resultados positivos. Desde logo porque permitiu ao Reino Unido (sob o Governo de Liz Truss) participar num fórum de debate Europeu, que pode servir de base para uma relação pós Brexit mais tranquila. Nesse aspeto, foi significativo que os membros da Cooperação Estruturada Permanente na área da Defesa (PESCO na sigla em inglês) tenham unanimemente votado a favor da entrada do Reino Unido num dos seus projetos relacionado com mobilidade militar.

Para além disso, este encontro da CPE foi muito alargado, incluindo países a países que estão em processos mais ou menos avançados de transição democrática. O reforço do contacto com estes países poderá ajudar a acelerar essa transição.

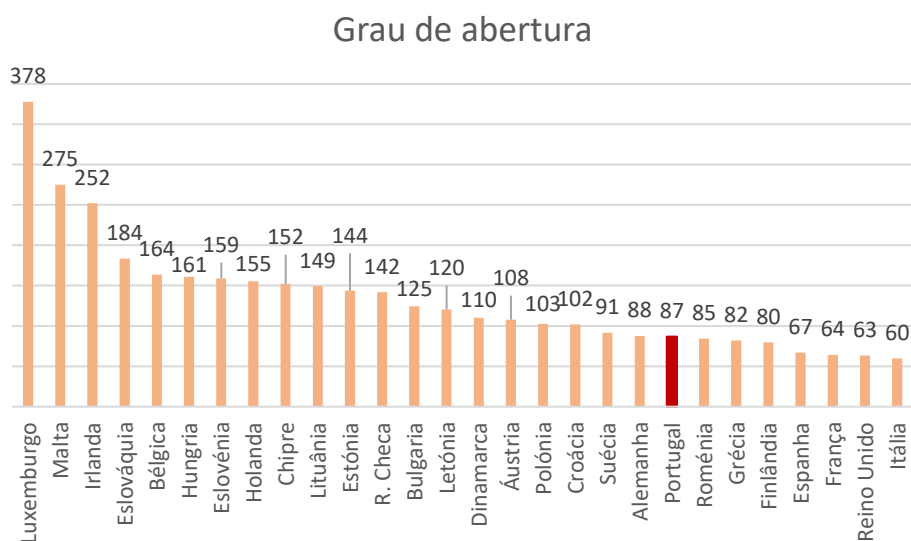
Neste processo de tornar as cadeias de fornecimento mais resilientes, o principal risco é que os Estados-Membros e as instituições da União Europeia usem estes mecanismos com o mero objetivo de proteger as suas empresas. **No longo prazo, a segurança Europeia não será melhor assegurada se a União Europeia se fechar sobre si mesma. Para além do mais, os riscos de erosão da concorrência no mercado interno podem vir a ser significativos e devem ser combatidos.**

viii. Globalização em Portugal

Um pequeno país não muito aberto

Portugal é um pequeno país que tem tido fases de maior e menor abertura ao comércio internacional.

FIGURA 19: GRAU DE ABERTURA NA UE - EXPORTAÇÕES + IMPORTAÇÕES EM % DO PIB, 2019



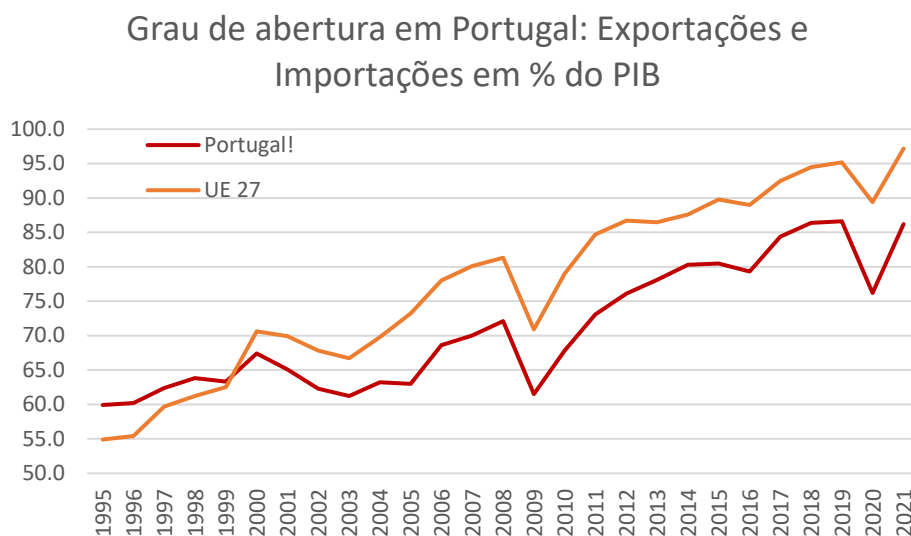
FONTE: EUROSTAT

Em 2019, Portugal tinha um grau de abertura de 87%, o que representa uma taxa relativamente baixa, para o que é habitual num pequeno país. Por exemplo, a Bélgica, com uma população semelhante, tem uma taxa de abertura de 164% do PIB. A Bélgica tem, contudo, uma posição privilegiada no centro da Europa. Comparativamente, outros países mais pequenos e também periféricos, por exemplo a Dinamarca e a Suécia, têm taxas de abertura de 110% e 91% respetivamente, superiores a Portugal.

Em termos temporais, o grau de abertura da economia portuguesa teve um período de declínio e estagnação entre 1998 e 2005 que se pode explicar tanto pela concorrência crescente dos países que integraram a UE em 2004, como pelo reforço da procura interna apoiada em taxas de juro historicamente baixas e aumento da dívida pública e privada.

O grau de abertura começou a recuperar a partir de 2006 e manteve-se em crescimento positivo embora interrompida, primeiro, pela crise financeira e, depois, pela pandemia. Importante notar que a distância face à média da UE tem-se mantido sensivelmente estável desde o alargamento.

FIGURA 20: GRAU DE ABERTURA EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA



FONTE: EUROSTAT

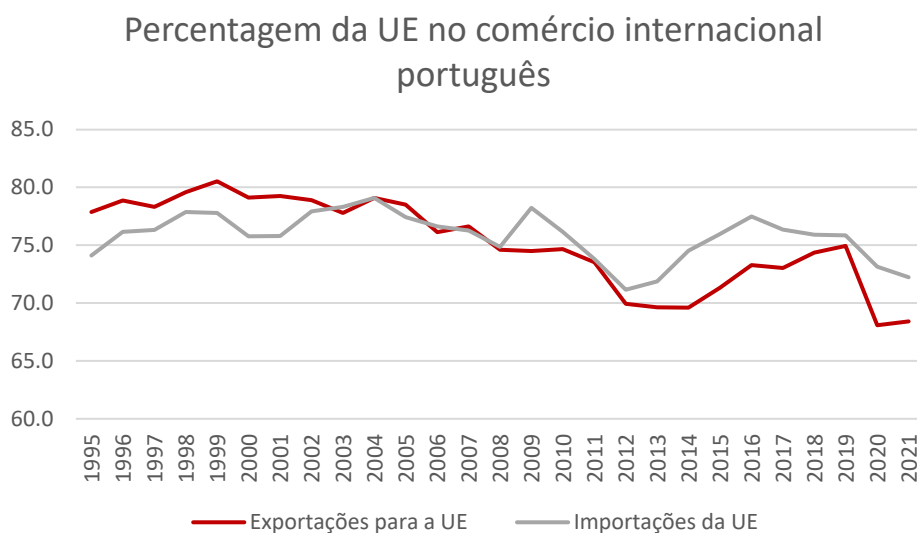
Near-shoring em Portugal

Portugal acompanhou a tendência da União Europeia de redução do peso da UE nas suas transações comerciais, sobretudo exportações, até à crise financeira. Em parte, isto deve-se a uma transformação estrutural na UE, que afetou significativamente a economia portuguesa. A entrada de novos membros em 2004, que nessa altura concorriam nos mesmos mercados e com custos inferiores, deslocou para leste

uma parte da procura da União Europeia que era anteriormente dirigida a Portugal. Essa tendência reverteu-se a partir de 2014, com um peso crescente da UE nas exportações portuguesas, e foi interrompida apenas com a pandemia.

Já nas importações, o peso da União Europeia tem flutuado à volta dos 75% desde 1995. As recessões (financeira e pandemia) reduziram o peso da UE, mas, no caso da crise financeira, foi temporário.

FIGURA 21: A UE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL PORTUGUÊS

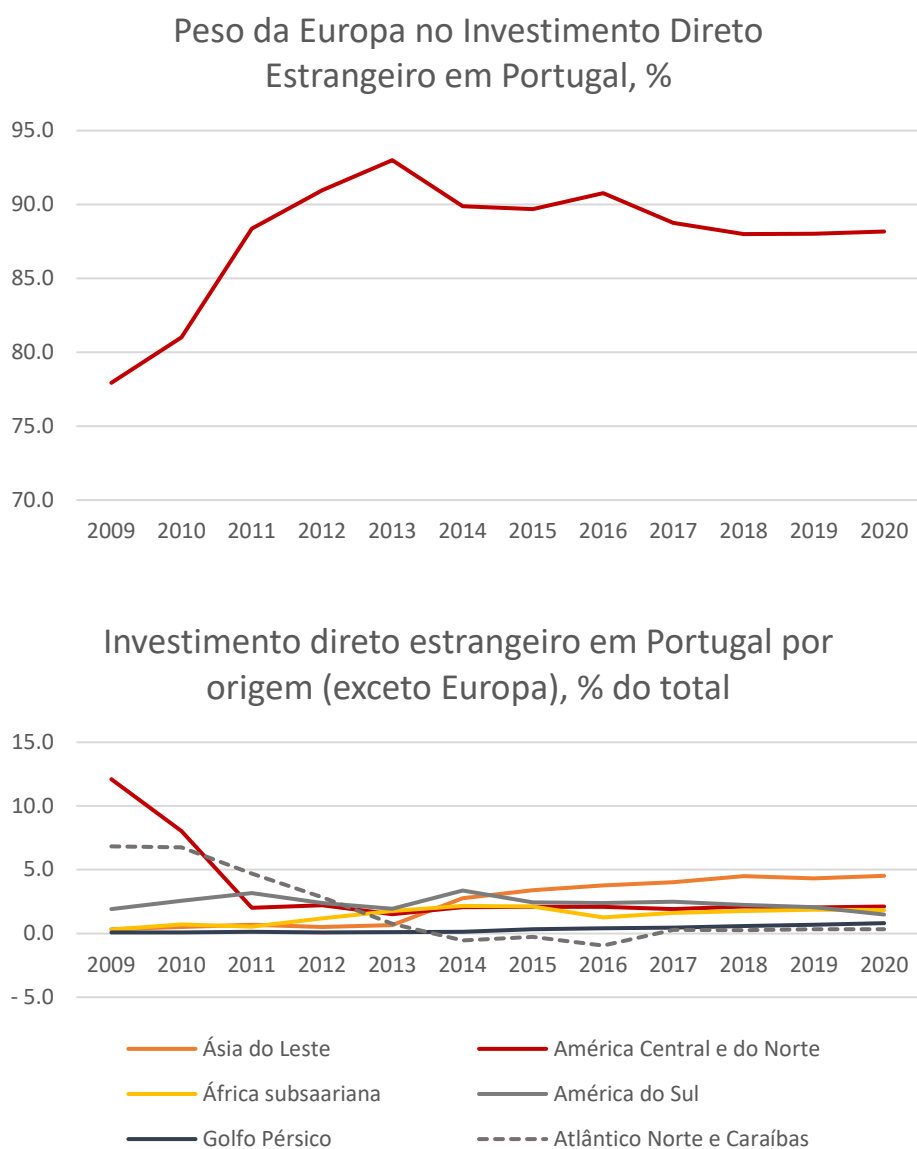


FONTE: EUROSTAT

Contudo, **nos últimos anos, Portugal tem sido beneficiário da tendência de *near-shoring***. O investimento direto estrangeiro em Portugal é maioritariamente realizado por outros países Europeus (União Europeia e outros). O peso da Europa subiu de forma acelerada durante a crise financeira e, depois de uma correção, manteve-se perto de 90%.

O peso das restantes regiões é bastante reduzido. O investimento da América do Norte caiu de forma acentuada entre 2009 e 2011, depois da crise financeira e da crise de dívida, e o seu peso no IDE em Portugal nunca chegou a recuperar, tendo sido substituído por investimento direto vindo da Europa e da Ásia, com especial enfoque na China.

FIGURA 22: INVESTIMENTO DIRETO DO ESTRANGEIRO EM PORTUGAL



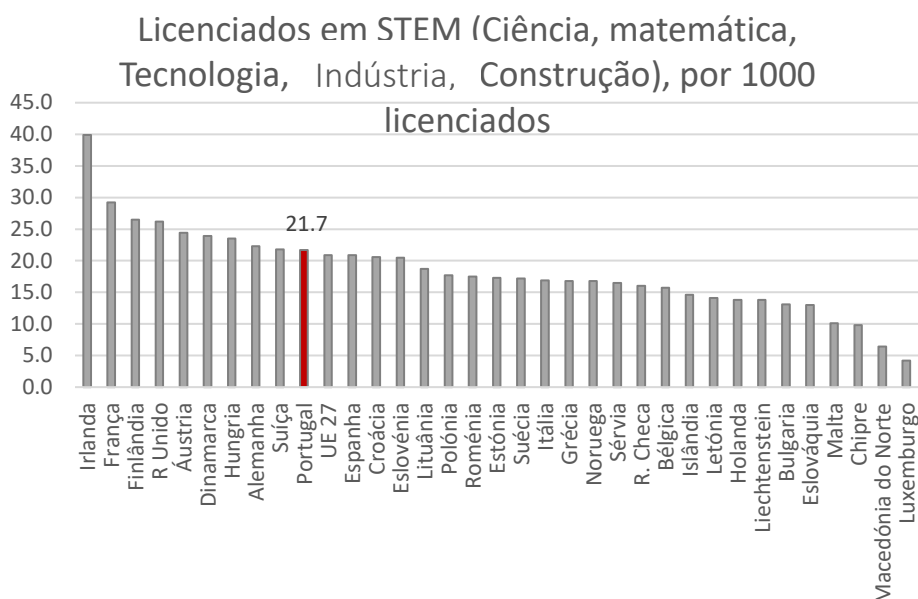
FONTE: FMI

Em linha, um estudo da Savills Impact³⁵ de junho de 2022, colocava Portugal em segunda posição como país preferencial para investimentos vindos da região Europa e Médio Oriente, com base em critérios de resiliência (baixo risco político e proximidade com consumidores), custo do trabalho, ambiente de negócio, e critérios de sustentabilidade ambiental e social.

Oportunidades e riscos para Portugal

Para além da segurança e baixo risco político, Portugal tem uma **vantagem importante para as empresas europeias que procuram uma localização razoavelmente próxima dos clientes finais: a qualidade e quantidade de jovens formados em Ciência, Tecnologia, Matemática e Indústria, STEM** na sigla em inglês.

FIGURA 23: PORTUGAL TEM UMA TAXA ELEVADO DE LICENCIADOS EM STEM



FONTE: EUROSTAT

Adicionalmente, Portugal é um **país de referência no que diz respeito à produção de energia renovável.**

Segundo a Associação Portuguesa de Energias Renováveis, Portugal encontra-se em 5.º lugar a nível mundial no que diz respeito à incorporação de energias renováveis na produção de eletricidade, representando, em setembro 2022, 54%.

Em termos de energia solar, Portugal é uma das referências da UE visto a sua exposição solar (estimam-se, em média, 300 dias com sol em Portugal). Por sua vez, em termos eólicos, o sul da Europa é, também, uma das referências. A WindEurope identifica esta região como a quarta maior produtora de energia eólica offshore, podendo Portugal atingir em 2050, per se, 12% (ou seja, 9GW dos 70 GW produzidos também por Espanha, Sul de França, Itália, e o resto do Mediterrâneo) – o que representa o terceiro maior bloco do sul da Europa.

Para além do impacto terrestre, a proximidade ao oceano atlântico atribui Portugal a plataforma continental (até 4,1 milhões de km²) colocando-o como o um dos maiores países do mundo (a título

exemplificativo, a Índia representa 3,3 milhões de km²). Neste enquadramento, a exploração do mar torna-se um dever sobretudo quando este recurso permite soluções em linha com a sustentabilidade como por exemplo a produção de energia (incluindo hidrogénio) e aquacultura.

No entanto, do ponto de vista da transição do multilateralismo para o regionalismo, **Portugal tem alguns riscos decorrentes da sua exposição a países:**

- **fora da União Europeia**, sendo que 14% dos postos de trabalho em Portugal dependem das exportações fora da União Europeia³⁶.
- **com riscos políticos elevados**. Nos investimentos do estrangeiro em Portugal, a exposição à China está entre as maiores da Europa. Os fluxos de IDE acumulados entre 2000 e 2021 representavam 3,2% do PIB português em 2021, a quarta taxa mais elevada da Europa. Foi durante a crise financeira e da dívida que a exposição se acelerou, em particular com a aquisição de partes em empresas que ainda tinham participações do Estado e empresas privadas.

FIGURA 24: INVESTIMENTO DIRETO CHINÊS NA EUROPA 2000-2021, % DO PIB 2021

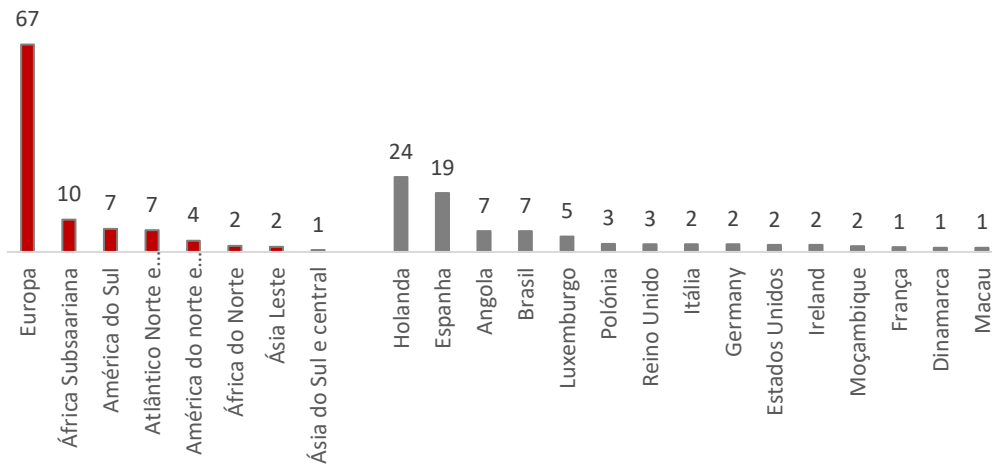


FONTE: RHODIUM GROUP AND MERCATOR, EUROSTAT, CÁLCULOS IAN

No que diz respeito ao investimento de Portugal no estrangeiro, a região que tem mais peso depois da Europa é a África Subsaariana.

FIGURA 25: INVESTIMENTO DIRETO DE PORTUGAL NO EXTERIOR

IDE de Portugal no exterior, % do total



FONTE: FMI

Portugal é um pequeno país pouco aberto e exposto a países com risco político. Os próximos anos podem representar uma oportunidade de reforçar as suas ligações a outros países e regiões.

Notas

- ¹ Federico, G., Tena Junguito, A. (2016). World trade, 1800-1938: a new data set. EHES Working Papers in Economic History, n. 93
- ² Segundo os dados do Banco Mundial
- ³ Darvas, Z. (2020) 'Resisting deglobalisation: the case of Europe', Working Paper 01/2020, Bruegel
- ⁴ United Nations Statistics Division
- ⁵ Comissão Europeia Working Document (2020), "Critical Raw Materials Resilience: Charting a Path towards greater Security and Sustainability"
- ⁶ Indian Pharmaceutical Alliance
- ⁷ Banco Mundial: <https://blogs.worldbank.org/developmenttalk/trade-has-been-global-force-less-poverty-and-higher-incomes>
- ⁸ Borio and Filardo. 2007. Globalisation and inflation: New cross-country evidence on the global determinants of domestic inflation. *BIS Working Papers* No 227. <https://www.bis.org/publ/work227.pdf>
- ⁹ Balatti, Carluccio, Chiacchio, Coimbra, Parraga, Siena, Stumpner, Venditti, Žumer. 2021. Globalisation and inflation: Insights from the ECB strategy review. CEPR/ 11 Oct 2021 <https://cepr.org/voxeu/columns/globalisation-and-inflation-insights-ecb-strategy-review>
- ¹⁰ Classificação do FMI
- ¹¹ <https://www.bis.doc.gov/index.php/documents/about-bis/newsroom/press-releases/3158-2022-10-07-bis-press-release-advanced-computing-and-semiconductor-manufacturing-controls-final/file>
- ¹² European Commission. 08/02/22, *Factsheet* Regulamento dos circuitos integrados europeus.
- ¹³ <https://www.brookings.edu/events/how-democracies-can-shape-a-changed-global-economy/>
- ¹⁴ Immanuel Kant. 1917 (1795). "Perpetual Peace: A Philosophical Sketch". Tr. Mary Campbell Smith. London: George Allen & Unwin LTD.
- ¹⁵ Comissão Europeia: https://policy.trade.ec.europa.eu/eu-trade-relationships-country-and-region/eu-position-world-trade_en
- ¹⁶ Eurostat, June 2022, "International trade in goods for the EU - an overview"
- ¹⁷ Banco Central Europeu (2019), "The impact of global value chains on the euro area economy"
- ¹⁸ Banco Mundial (2020), "World Development Report 2020: Trading for Development in the Age of Global Value Chains"
- ¹⁹ NBER Working Paper Series, Caselli, F. et al. (2015), "Diversification through trade"
- ²⁰ IMF, World Economic Outlook April 2022
- ²¹ Espitia, A., Mattoo, A., Rocha, N., Ruta, M. and Winkler, D. (2021), "Pandemic Trade: COVID-19, Remote Work and Global Value Chains", Policy Research Working Paper Series, No 9508, World Bank; e OECD (2021), "Global value chains: Efficiency and risks in the context of COVID-19", Policy Responses to Coronavirus (COVID-19).
- ²² UNCTAD (2021), "Review of Maritime Transport 2021"
- ²³ IMF Working Papers, Celasun, O., Hansen, N.-J., Mineshima, A., Spector, M. and Zhou. J (2022), "Supply bottlenecks: where, why, how much and what next?"
- ²⁴ IMF Working Papers, Carriere-Swallow Y., Deb, P., Furceri, D., Jimenez, D., David, J., Ostry D. (2022), "Shipping Costs and Inflation"
- ²⁵ Comissão Europeia Working Document (2021), "Strategic dependencies and capacities"
- ²⁶ Comissão Europeia Working Document (2020), "Critical Raw Materials Resilience: Charting a Path towards greater Security and Sustainability"
- ²⁷ Indian Pharmaceutical Alliance
- ²⁸ Parlamento Europeu (2022), "Russia's war on Ukraine: EU food policy implications"
- ²⁹ Semiconductor Industry Association and Boston Consulting Group (2021), "Strengthening the global semiconductor supply chain in an uncertain era"
- ³⁰ Comissão Europeia Working Document (2021), "Strategic dependencies and capacities"
- ³¹ Fundo Monetário Internacional
- ³² Ursula von der Leyen speech, 18th October 2022
- ³³ World Nuclear Association: <https://world-nuclear.org/information-library/current-and-future-generation/nuclear-power-in-the-world-today.aspx>
- ³⁴ Bongardt A, Torres F. (2022), "The European Green Deal: more than an exit strategy to the pandemic crisis, a building block of a sustainable European economic model"
- ³⁵ <https://www.savills.com/impacts/market-trends/can-nearshoring-solve-supply-chain-resilience.html>
- ³⁶ Parlamento Europeu (2021), "Impacto da globalização no emprego e na UE"